

SAGVNTVM

PAPELES DEL LABORATORIO DE ARQUEOLOGÍA
DE VALENCIA
EXTRA-19

HOMENAJE A LA PROFESORA CARMEN ARANEGUI GASCÓ

FERRAN ARASA I GIL, CONSUELO MATA PARREÑO
(EDITORES)



VNIVERSITATIS VALÈNCIA

FACULTAT DE GEOGRAFIA I HISTÒRIA
Departament de Prehistòria,
Arqueologia i Història Antiga

2017

SAGVNTVM. Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia

Extra-19

2017

Informació i intercanvis:

Departament de Prehistòria, Arqueologia i Història Antiga
Facultat de Geografia i Història
Av. Blasco Ibáñez, 28 - 46010 València (Espanya)
Fax: (+34) 96 3983887
e-mail: dep.paha@uv.es

Subscripció i vendes:

PUV-Servei de Publicacions de la Universitat de València
C. Arts Gràfiques, 13 - 46010 València
Publicacions@uv.es

Consulta on-line: <http://ojs.uv.es/index.php/saguntumextra>

© Universitat de València

Departament de Prehistòria, Arqueologia i Història Antiga
Facultat de Geografia i Història

Disseny i maquetació: Lluís Molina Balaguer

Imprimeix: LAIMPRESSA

I.S.B.N.: 978-84-9133-061-5

Dipòsit Legal: V-688-2017

PRESENTACIÓN	9
CARMEN ARANEGUI. EL PRIVILEGIO DEL SABER	11
Isabel Morant Deusa	
ILICI / LA ALCUDIA DE ELCHE. LUCES Y SOMBRAS DE UNA PUESTA EN VALOR	23
Lorenzo Abad Casal	
<i>EL CAPITEL RODÓ SOBRE LA ORTIGA...</i> REFLEXIONES ¿HETERODOXAS? SOBRE LA GESTIÓN DEL PATRIMONIO ARQUEOLÓGICO EN LA CIUDAD HISTÓRICA. EL EJEMPLO CORDOBÉS	43
Desiderio Vaquerizo Gil	
FRANCESC ALMARCHE I L'ANTIGA CIVILITZACIÓ IBÈRICA AL REGNE DE VALÈNCIA	59
Bernat Martí Oliver, Rosa Enguix Alemany	
ISÓTOPOS EN LA PREHISTORIA Y ARQUEOLOGÍA VALENCIANAS	75
Domingo C. Salazar-García, Verónica Silva-Pinto	
CERÀMIQUES HEL·LENÍSTIQUES DEL S. III A.E. A LES COMARQUES SEPTENTRIONALS DEL PAÍS VALENCIÀ	93
Ferran Arasa i Gil	
LES AMBIGÜITÉS DU VOCABULAIRE ET DE L'USAGE D'UN VASE DE "CERÁMICA GRIS DEL TIPO AMPURITANO": <i>EL VAS BICÒNIC</i>	111
Michael Bats	
¿DANZA O LUCHA DE GUERREROS? A PROPÓSITO DEL "VASO DE LA DANZA GUERRERA" DE LA ANTIGUA EDETA	117
Manuel Bendala Galán	

VERDADERO O FALSO. DESHOJANDO LA MARGARITA	127
Helena Bonet Rosado, Consuelo Mata Parreño	
UNA BIOGRAFÍA CONFUSA: LA CABEZA FEMENINA DEL CERRO DE LOS SANTOS EN LA COLECCIÓN MATEU DEL CASTELL DE PERALADA (GIRONA)	141
Teresa Chapa Brunet	
NATURALEZA EN FEMENINO EN LA CULTURA IBÉRICA: SOBRE LA AGENCIA DE LAS MUJERES Y SU RELACIÓN CON EL MUNDO NATURAL	153
Isabel Izquierdo Peraile	
LAS CERÁMICAS GRIEGAS DE LA SOLANA DEL CASTELL (XÀTIVA) EN EL CONTEXTO DEL XÚQUER Y LA CONTESTANIA NORTE	165
José Pérez Ballester	
LOS DIVISORES DE PLATA DE ARSE CON REVERSO ROSETA	177
Pere Pau Ripollès Alegre	
LAS FUNCIONES DE LA DAMA IBERA EN LA “CASA” ARISTOCRÁTICA	185
Arturo Ruiz	
LA CERÀMICA DE CUINA A TORN DEL PERÍODE IBÈRIC A CATALUNYA: DE LA TIPOLOGIA A LA FUNCIÓ SOCIAL	201
Joan Sanmartí, David Asensio	
JARRAS EDETANAS CON OJOS PINTADOS	213
Jaime Vives-Ferrándiz Sánchez, Mireia López-Bertran	
HALLAZGO RECIENTE DE UN CAPITEL CORINTIO ROMANO EN MONCADA (VALENCIA)	227
José Luis Jiménez Salvador, Josep Maria Burriel Alberich, Francisco Perúa Barceló	
DES BIJOUX POUR CARMEN: DEUX BAGUES PERDUES DANS L'ATELIER DE POTIERS DE SALLÈS D'AUDE	235
Fanette Laubenheimer	
EL TEATRO ROMANO DE BILBILIS: ALGUNAS INCÓGNITAS	239
Manuel Martín Bueno	
ARQUEOLOGIA DA MÚSICA. A REPRESENTAÇÃO DE GAITA-DE-FOLES EM LUCERNAS ROMANAS	263
Rui Morais	
FUNDACIONES EN ÉPOCA ROMANA. DE LO INTANGIBLE A LO TANGIBLE. ¿CUÁNDO, POR QUÉ, DÓNDE, CÓMO, SIMBOLOGÍA?	267
Margarita Orfila Pons, Esther Chávez-Álvarez, Elena H. Sánchez López	
EL PALAU DE PLA DE NADAL (RIBA-ROJA DE TÚRIA). L'ÚLTIM BATEC DEL PODER VISIÒTIC	279
Albert Vicent Ribera i Lacomba	

ARQUEOLOGIA DA MÚSICA. A REPRESENTAÇÃO DE GAITA-DE-FOLES EM LUCERNAS ROMANAS



RUI MORAIS*

INTRODUÇÃO

A música foi uma das principais atividades lúdicas do mundo antigo. As fontes romanas referem que esta servia para manter a ordem e a linha de formação em campo de batalha, bem como para anunciar a celebração de determinadas festividades ou para diferenciar alguns passos em certas comemorações. Mas, apesar de sabermos que os instrumentos musicais estavam presentes na vida diária das populações, não são muito abundantes os seus vestígios ou as representações iconográficas que os ilustrem.

Como nos recordava Antonio García Bellido (1944: 65-76), num estudo intitulado *Música y danza entre los pueblos primitivos de España*, a música antiga não conheceu a polifonia. De acordo com a tratadística antiga e os estudos até à data realizados sobre o tema da música na antiguidade sabemos que esta era predominantemente melódica e que tinha um grande número de escalas ou modos, que variavam de acordo com a tonalidade e a sequência de intervalos que os acompanhavam. Apesar de um largo campo aberto à dúvida, sabemos que as melodias

eram acompanhadas em uníssono, com intervalo de oitava, dispondo de uma grande riqueza de entoações subtis, sem paralelo na música moderna (Rocha-Pereira 2006: 643-658).

Em estudos sobre os instrumentos musicais de *Bracara Augusta* destacámos, pelo seu interesse, uma lucerna datada dos ss. II/III cujo disco está decorado com um órgão hidráulico e uma gaita-de-foles e que encontra paralelo noutros exemplares da mesma tipologia no ocidente peninsular (Morais *et al.* 2014: 101-116). Em todas estas lucernas a representação dos instrumentos musicais, órgão e gaita-de-foles, é bastante tosca e de difícil perceção e, admitimos, mesmo, passível de outras leituras e interpretações. Apesar destas dificuldades podemos encontrar a representação de um destes instrumentos - a gaita-da-foles - numa lucerna oriunda de Salamina ou *Curium*, publicada por D. M. Bailey (1988: Pl. 64, Fig. 13), e em dois fragmentos de disco de lucernas de origem itálica, recolhidos nas cidades romanas de Segóbriga e Chaves¹, que permitem corroborar a representação iconográfica deste instrumento.

(*) Centro de Estudios Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
rmora@letras.up.pt



Fig. 1: Lucerna de Bracara Augusta do tipo Dressel 28 com a representação de gaita-de-foles e órgão hidráulico (Museu D. Diogo de Sousa, inv. 1991.1652, Braga, Portugal).



Q 2432

Fig. 2: Lucerna do tipo Loeschcke IV proveniente de Salamina ou Curium (Bailey 1988: Pl. 64, Fig. 13).

A ORIGEM DA GAITA-DE-FOLES

A origem da gaita-de-foles parece remontar à civilização egípcia (por volta de 2500 a.C.). No mundo romano este instrumento era conhecido pelo termo latino de *utricularius*, ou na sua versão grega, *auskales*, e aparece citado em várias ocasiões pelos autores clássicos greco-romanos (Scott 1960: 408; Wardle 1981: 166; Bechet 2006-2008: 102-104).

O historiador romano Suetónio e o filósofo grego Crisóstomo (ss. I a II d.C.) referem-se à gaita-de-foles como *tibia utricularis* e mencionam o seu uso por parte dos soldados romanos durante as marchas e os momentos de lazer.

Segundo as fontes escritas, os romanos estavam também acostumados a realizar concursos com este tipo de instrumentos. Séneca alude ao seu uso no teatro (Séneca X 1. 27, *apud* Crowest 1911: 18), mas sabemos que este foi igualmente usado em cerimónias religiosas e festivais (Mendes 2007: 243). Suetónio (Nero 54. 1) refere que Nero *no final da sua vida tinha declarado em público que, se conseguisse manter-se no poder, ofereceria durante os jogos da sua vitória um espetáculo de órgão hidráulico, flauta, e gaita-de-foles*. Conhece-se também uma alusão a este instrumento num epigrama de Marcial (Mart. 10. 3), denominando-o como *askaules*, como referimos, a versão grega latinizada: *Que um papagaio fale com voz de codorniz e Cano anseie por ser tocador de gaita-de-foles*.

Apesar destas referências literárias, não se conheciam representações iconográficas romanas de gaitas-de-foles. Hoje sabemos que o chamado bronze de Richborough (Kent) é um falso do século XVII (Scott 1960: 408) e o mesmo se poderá dizer do relevo que ilustra um músico com este instrumento encontrado em Stanwix, também posterior à época romana. As escassas representações iconográficas que temos destes instrumentos são, para além de um pequeno bronze hoje desaparecido, a de três figurinhas em terracota provenientes de Alexandria (Wardle 1981: 169) e uma gema da coleção Ionides (Boardman 1968: nº 16, plate XLVb), todos exemplares produzidos na esfera do mundo helenístico nos finais do século I a.C. (Bechet 2006-2008: 105).

As lucernas de produção peninsular, integráveis no tipo Dressel 28, possuem um disco decorado com uma tosca representação de uma cena erótica onde



Q 2432

Fig. 3: Desenho da Lucerna da fig. 2 (Bailey 1988: Pl. 64, Fig. 13).

se vê duas figuras de pé que tocam em uníssono dois instrumentos musicais de vento ou aerofones. Junto ao orifício de alimentação, situado à direita, encontra-se uma figura feminina a tocar um órgão hidráulico de oito tubos; à sua direita, uma figura masculina a tocar uma gaita-de-foles (fig. 1).

Na pesquisa que efetuámos sobre as representações iconográficas em lucernas romanas conseguimos identificar mais sete exemplares com motivos afins às de Braga e, como referimos, da mesma tipologia. Duas destas provêm do território atualmente português e estão referidas no *Catálogo do Gabinete de Numismática e Antiguidades* da Biblioteca Nacional de Lisboa, organizado por Jorge de Alarcão e Manuela Delgado (1969: 67, 70, 73, nº 84), sendo que uma delas é referida como proveniente da sepultura nº 35 da *Necrópole das Arcas* (Elvas, Alentejo) e publicada em 1955 no *Archivo Español de Arqueología* (vol. 28) por A. Viana e A. Dias de Deus (1955: 250; 253, nº 30). As restantes cinco provêm de Cádis (lám. CCXL, nº 429), Sevilha (lám. CXLI, nº 3065, 3063) e Mérida.

A identificação da gaita-de-foles numa lucerna do tipo Loeschcke IV (c. 40 a 100) proveniente de Salamina ou *Curium* e em dois fragmentos de disco de fabrico itálico encontrados em Segóbriga e Chaves permitem corroborar os estudos anteriores aqui já referidos. A lucerna, atualmente no Museu Britânico,



Fig. 4: Fragmento de disco de lucerna itálica de Chaves com representação de gaita-de-foles (Arquivo Municipal de Chaves, inv. 10110009, Portugal).



Fig. 5: Fragmento de disco de lucerna itálica de Segóbriga com representação de gaita-de-foles (Museu de Segóbriga, inv. 00-896-01, Espanha).

foi publicada por Bailey no volume III dedicado às produções provinciais (Bailey Q 2432, Pl. 64, Fig. 13; 1988: 305) e apresenta o desenho de um sátiro (fig. 2 e 3), afim ao fragmento recolhido em Chaves (fig. 4). O desenho mais pormenorizado pode, no entanto, apreciar-se no fragmento de Segóbriga, onde se vê o reservatório de ar da gaita-de-foles, aqui na tradicional forma de odre, e dois tubos, um correspondente ao tubo melódico (ponteiro ou cantadeira) e o outro ao chamado insuflador ou ronca (fig. 5).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As lucernas estudadas parecem seguir léxicos iconográficos distintos. É possível que para estas representações os oleiros se tenham baseado em cadernos de desenhos e esboços existentes nas oficinas que fabricavam lucernas (Vejas 1966: 83; Morillo 1999: 164) que compilavam cenas e motivos populares.

As escassas representações de gaitas de foles de época helenística deve-se, segundo Wardle (1981: 169), ao facto destes instrumentos estarem associados às classes baixas, sendo muito provavelmente tocados por músicos itinerantes que realizavam espetáculos de rua. Acreditamos que no mundo romano este instrumento deveria também fazer parte de cerimónias eruditas, como se pode depreender da sua associação com o órgão hidráulico nas lucernas peninsulares e do passo de Suetónio, já referido, a propósito de Nero em que este anuncia um espetáculo com estes dois instrumentos.

Mas a representação da gaita-de-foles não é apenas interessante pela sua raridade mas também porque nos permite relacionar com variantes destes instrumentos que ainda hoje fazem parte das tradições folclóricas e das festividades do norte de Portugal e Galiza (Oliveira 1982), bem como das Ilhas da Grã-Bretanha e da Irlanda, sugestivo que de as populações que aí habitavam conheciam estes instrumentos e possivelmente dele fizeram uso fortalecendo uma tradição que ainda hoje perdura.

NOTA

1. Este fragmento provém de uma escavação realizada no ano de 2007 na cidade de Chaves (Rua do Bispo Idácio, nº 20 e 22, Chaves), pela Empresa Arqueologia e Património. Está atualmente numa Exposição intitulada “2000 anos de História - Intervenção arqueológica no Arquivo Municipal de Chaves”. Segundo as indicações da Empresa este fragmento (nº inv. 10110009) surgiu na sondagem 10 (EU 10110), que corresponde a uma camada de aterro ou nivelamento dos finais do século I a. C. e os inícios da centúria seguinte.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à professora María del Rosario Cebrián Fernández a cedência da fotografia da gaita-de-foles de Segóbriga e a respetiva autorização para a divulgar. Agradecemos a cedência da fotografia e a informação sobre o exemplar de Chaves a Flávia Nunes.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J.: DELGADO, M. (1969): *Catálogo do Gabinete de Numismática e Antiguidades. 1ª Parte. Antiguidades Ibéricas e Romanas*, Lisboa.
- BAILEY, D. M. (1988): *A Catalogue of the Lamps in the British Museum Vol 3 Roman Provincial Lamps*, London.
- BECHET, F. (2006-2008): La cornemuse romaine - une outre polyphonique, *Studii clasice - București* (42-44), 89-112.
- BOARDMAN, J. (1968): *Engraved Gems: The Ionides Collection*, Londres.
- DITTENBERGER, G. (1917): *Sylloge inscriptionum Graecarum* (3ª ed.), Leipzig.
- EGGEBRECHT, H. H. (ed.) (1977): *Organ of Classical Antiquity: the Aquincum Organ a. d. 228, Actes du colloque de l'institut de musicologie de l'Académie des sciences hongroise*, 1-4 septembre 1994, Budapest.
- FERNÁNDEZ GALIANO, D. (2010): El triunfo del amor: mosaico de Paris y Helena en Noheda (Cuenca), *Mitología e historia en los mosaicos romanos* (L. Neira, ed.), Madrid, 111-136.
- GARCÍA Y BELLIDO, A. (1944): Música y danza entre los pueblos primitivos de España, *Investigación y Progreso* XV, 65-76.
- FLEURY, P. (2005): L'orgue hydraulique antique, *Schedae* 1, 7-16.
- JAKOB, F.; HOCHULI-GYSEL, A. (2001): Die römische Orgel aus Avenches/Aventicum, *Archäologie der Schweiz* 24 (1), 31-38.
- KABA, M. (1976): *Die römische Orgel von Aquincum. 3. Jahrhundert*, *Musicologia Hungarica* 6, Budapest.
- MORAIS, R.; SOUSA, M. J.; SALIDO, J. (2014): Arqueología de la música: gaita, órgano hidráulico y otros instrumentos musicales romanos de *Bracara Augusta* (Braga, Portugal), *Portugalica. Nova série* 35, Porto, 101-11.
- MORENO, F. (1991): *Las lucernas romanas de la Bética*, Universidad Complutense de Madrid (tese policopiada).
- MORILLO, A. (1999): *Lucernas romanas en la región septentrional de la Península Ibérica* (2 vols), Montagnac.
- OLIVEIRA, E. V. O. (1982): *Instrumentos Musicais Populares Portugueses*, Lisboa.
- PANDERMALIS, D. (1992): I idraulici tou Diou/L'orgue hydraulique de Dion, *To Arhaiologiko ergo stē Makedonia kai Thraki – Thessalonikē* 6, 217-222.
- PÉCHÉ, V. (2001): *Musique et spectacles à Rome et dans l'Occident romain: sous la République et le Haut-Empire*, Paris.
- ROCHA-PEREIRA, M. H. (2006): *Estudos da História da Cultura Clássica*, Lisboa.
- RUELLE, C.-E. (1900): *Hydraulus, Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines* (Ch. V. Daremberg; E. Saglio, ed.), III, 1, Paris, 312-318.
- SCOTT, J. E. (1957): Roman music, *The New Oxford History of Music* (J. A. Westrup, ed.), Oxford.
- SCOTT, J. E. (1960): Roman Music, *The New Oxford History of Music*, Oxford, 404-420.
- VIANA, A.; DIAS DE DEUS, A. (1955): Necrópolis de La Torre das Arcas, *AEspA* XXVIII, 243-265.
- WARDLE, M. A. (1981): *Musical instruments in the Roman World*, Thesis submitted for the degree of Doctor of Philosophy in the Faculty of Arts of University of London, London.
- YATES, J. (1859): *Hydraula, Dictionary of Greek and Roman Antiquities* (W. Smith, ed.). London, 622-623.